



O CHORO

Vitória Alves Duarte¹

Em um dia corriqueiro, comum para todos, nasce uma criança em um hospital onde quase todas as crianças do mundo já haviam nascido, sua mãe preocupada com o futuro e ao mesmo tempo cheia de planos para ele, -será que meu filho vai ser médio, bombeiro ou advogado? Ela pensava.

O bebê por sua vez, sem entender o que estava acontecendo, ao fazer o que seus pulmões se preparam por meses para fazer, chora, o ar arde, a sala é fria, luzes para todo lado, rapidamente posicionam ela junto a mulher que o carregou por nove meses e ele ouve sua voz que soa familiar.

-Meu filho lindo! Sua mamãe está aqui!

Em seguida os separam, vão cuidar da mãe e apresentar o mundo ao filho. Mundo esse que parece ser cruel, longe da única pessoa que ele reconhece a voz, tudo parece desconhecido.

Os primeiros dias de adaptação são estranhos, os seus braços parecem muito soltos, ele sente dores, fome, sono... e sem saber o que fazer, ele chora como se o mundo fosse acabar, mas para ele é o fim do mundo, porque o mundo que ele conhecia não é mais sua casa, sua mãe passa a ser uma extensão dele e cada minuto longe dela é uma eternidade e mais uma vez ele chora.

A cada mês que passa ele vai aprendendo algo novo, aprende a rolar, a sentar, a dormir, descobre novos sabores, sente seus primeiros dentinhos, engatinha, passeia em lugares bonitos, sorri, balbucia, aponta e fala, chama a mamãe, o papai, a vovó e todo mundo bate palmas e comemora suas primeiras paravas.

Ainda sendo um bebê, começa a se equilibrar, cai, chora, levanta-se e tenta outra vez, começa a dar os seus primeiros passos, uma hora ou outra cai, chora e tenta de novo. De repente, andar não é mais o suficiente, ele agora corre, cai aqui, cai ali, chora, fica com medo, mas não desiste, seu coração se enche de esperança, ele se recupera e tenta novamente.

A cada novo dia uma experiência diferente, algumas se tornam vivência e outras são esquecidas com o tempo, ele começa a entender que ele é um ser pensante e começam as indagações:

-Por que meu pai não mora aqui?

¹ Discente do curso de pedagogia vitoriaalves200@gmail.com



-Por que minha mãe grita?

-Por que essa bebê feia tem que morar nessa casa?

São perguntas que ele se faz, mas ninguém o está observando para responder, desde que sua mãe teve outra filha, a vida dele mudou, ninguém o aplaude mais, nem rir das suas gracinhas, todos só tem olhos para a bebê, que por sua vez chora sem parar.

Ele vai crescendo, se desenvolvendo, começa a frequentar a escola e não entende por que que sua professora o obriga a escrever com a mão direita, ele chora, pois estava acostumado a segurar o lápis com a esquerda.

-Não chora! Estou fazendo isso para o seu bem!

Para o meu bem? Ele apenas pensa, pois pela expressão da professora ela não quer conversa.

Chegando em casa, sua mãe prepara seu almoço, nesse dia é algo que ele não gosta, ele chora e diz não gostar daquilo.

-Para de chorar menino, seja grato, tem crianças que nem tem o que comer!

-Mas mãe, eu não gosto disso. Ele diz com a voz embargada.

-Você tem que comer, é para o seu bem.

Os anos vão passando e ele aprendeu a escrever com a mão não dominante e a comer o que não gosta, já aprendeu andar de bicicleta e ir para a escola sozinho, mas dentro dele, ele se questionava:

-Por que meu pai não está aqui?

-Será que ele não gosta de mim?

-Será que tudo que é para o meu bem, é ruim?

Essas perguntas ele não tinha coragem de fazer a sua mãe, ele via que para ela já era muito difícil viver sendo mãe solo, ele chorava baixinho e tentava não incomodar ninguém. Sua irmã era o oposto, estava sempre chorando, brigando com todo mundo e questionando, ele percebeu que não havia espaço para seu choro, percebeu que suas dores, eram somente suas.

Todos diziam: “que menino bonzinho, não chora, é comportado, não reclama”. Aquilo passou a ser sua verdade, ele entendeu que para ser aceito tinha que ser pacífico e quieto, a cada dia ele chorava menos.

Veio a puberdade, juntamente com as mudanças de humor, mas junto dela veio uma certeza: chorar é para os fracos. Começou a fazer coisas joviais, namorar, tocar violão, sair com os amigos, na falta de seu pai ele tentava preencher esse vazio com o cotidiano da vida.

Ao decorrer da passagem do tempo, junto com a maturidade, a faculdade e os fios precoces de cabelo branco, veio também o peso do mundo, esse peso não era novidade, pois ele



sentia isso desde que se entendia por gente, aquele medo, choro engasgado, necessidade de ser bom para ser aprovado, mas dessa vez estava pior, era como se o peso do mundo inteiro estivesse dentro do seu peito, numa tentativa desesperada para tentar aliviar seu sofrimento, ele pensou em tirar a própria vida, mas aquele não era ele. Ele lembrou do sorriso de sua mãe, do seu colo e ensinamentos, ao se deparar com a realidade do que estava prestes a fazer ele caiu em um choro profundo, chorou, chorou e chorou copiosamente por horas, como se o choro que estivesse acumulado por toda a vida estivesse saindo agora.

Após se permitir chorar, ele se sentiu como criança novamente, aquele velho sentimento de esperança tomou conta do seu ser e ele se sentiu motivado a recomeçar, resolveu procurar apoio psicológico, começou uma atividade física, entrou em contato com a natureza e se reconectou com sua fé.

Ele enfim pode entender que nascemos chorando e o choro faz parte da vida, assim como falar, comer, andar e dormir, o choro e a comunicação são recursos que o ser humano encontra para conseguir sobreviver. Ele entendeu que tem voz, pode discordar do que não o agrada e começou a fazer o que realmente fazia bem para o seu corpo e sua alma. para ser forte, ele não precisava reprimir os sentimentos, mas ter sentimentos e expressá-los é o que o tornava humano e inteiro.